



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

BULLYING: COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE PARES A NÍVEL ESCOLAR

Ana Lúcia João

Hospital Distrital da Santarém / Instituto Superior Miguel Torga.

RESUMO

Neste trabalho, é abordado um problema muito frequente no nosso quotidiano, nomeadamente a violência entre pares, a nível escolar. O comportamento violento, que causa medo e preocupação, resulta da interacção entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, tais como a família, a escola e a comunidade. No entanto, por vezes, os comportamentos de violência são reproduzidos nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, onde existe amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo. Deste modo, tendo em conta a problemática em questão, é abordado nesta comunicação, a definição de bullying, tipos de bullying, as características da vítima e do agressor, bem como as respectivas causas e consequências, com o intuito de promover uma maior consciencialização por parte da sociedade, onde estão inseridos tanto vítimas, como agressores.

Durante este trabalho, foi feita uma revisão teórica e uma posterior reflexão que tem como finalidade, conseguir apresentar algumas estratégias de intervenção a nível do contexto educativo, de forma a diminuir a violência nas escolas.

Palavras-Chave: Bullying; Agressividade; Comportamento; Violência Escolar

INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos, a violência é um problema, cada vez mais observável. Frequentemente, ouvimos falar, no nosso dia-a-dia, de situações de violência que ocorrem nas escolas, entre os jovens. Deste modo, este fenómeno, tornou-se cada vez mais, uma fonte de preocupação e interesse para os pais, professores, para os próprios alunos e para a comunicação social.

A violência poder-se-á manifestar através de uma grande diversidade de comportamentos anti-sociais, como por exemplo, o roubo, a agressão, a exclusão social, ou qualquer outra forma de opressão... Estes comportamentos poderão ser desencadeados por alunos, ou por outros elementos da comunidade escolar. Eles poderão causar muitas consequências no percurso de vida, tanto das vítimas,



BULLYING: COMPORTAMENTO AGRESIVO ENTRE PARES A NÍVEL ESCOLAR

como dos agressores, tornando-se de fulcral importância, o conhecimento desta problemática. Assim, ao longo deste trabalho, será realizada uma revisão bibliográfica, com o objectivo de promover uma maior consciencialização por parte da sociedade. Na mesma linha de pensamento, serão também referidas estratégias de intervenção, que visam, encontrar um caminho, de forma a combater este problema.

DEFINIÇÃO DE BULLYING

O termo bullying, não é apenas utilizado como significado de um desentendimento entre colegas mas, segundo Almeida (2006), como sinónimo de perseguição e humilhação prolongada por parte de uma ou mais pessoas que se servem do seu poder para intimidar outro "mais fraco", que passa a ser a vítima, num relacionamento em que precisamente o poder e a desigualdade dificultam que a última se proteja. Aliás, este termo é caracterizado por três componentes essenciais: intencionalidade, repetição e assimetria de poder.

Esta situação, acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo de escola. Dreyer (2005) refere que para além de causar danos cruéis, o Bullying está disseminado em todas as escolas, tanto públicas como particulares, e os seus comportamentos característicos tendem a aumentar rapidamente com o avanço da idade dos alunos.

O bullying poderá ser realizado de uma forma directa (quando as vítimas são atacadas directamente) ou indirecta (quando estão ausentes). Assim, são considerados bullying directo: os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar. São actos utilizados com uma frequência quatro vezes maior, entre os rapazes. O bullying indirecto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais praticado pelas raparigas.

Segundo Crick & Grotpeter (1995), confirmou-se, igualmente que tantos os rapazes como as raparigas são vítimas de bullying; no entanto, os rapazes são mais vítimas de outros rapazes enquanto que as raparigas tanto são vítimas de rapazes como de raparigas. Também, as formas de vitimação variam consoante o sexo: os rapazes sofrem mais a agressão física e a ameaça, enquanto que as raparigas sofrem mais a agressão verbal e relacional (actos com a intenção de afectar as relações com os pares).

Tipos De Bullying

O bullying pode ser manifestado de diversas formas, entre as quais, poder-se-á salientar as seguintes:

- **Violência física:** caracterizada por diversas formas de agressão, como empurrões, murros, pontapés, agressões com objectos e ataques à propriedade.
- **Violência verbal:** recurso a alcunhas, o insultar, o ridicularizar, responder com "maus modos", fazer comentários racistas, a desconsideração em público, salientar ou referir constantemente um defeito físico ou uma acção.
- **Violência psicológica:** através de acções com o intuito de destruir a auto-estima e que visam criar insegurança e medo.
- **Violência social:** principalmente na forma de propagação de informações muitas vezes, de carácter denegridor e humilhante que pretende a exclusão e o isolamento do grupo.



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

- Abusos sexuais: através da ameaça e desonra.

Características das Vitimas

As vítimas são aqueles que sofrem a violência, são aqueles que suportam o comportamento violento dos colegas e não dispõem de recursos, ou habilidade para se defenderem.

Em alguns estudos desenvolvidos evidencia-se uma certa preocupação por parte dos investigadores em identificar quais as características da vítima de bullying.

As características normalmente mencionadas que correspondem ao perfil da vítima são as seguintes:

- São mais ansiosas e inseguras que os alunos em geral (Olweus, 1991).
- As vítimas também têm menos amigos (Olweus, 1994).
- Têm maior dificuldade em fazer amigos (DeHaan, 1997) e isto porque sofrem de rejeição dos pares (Boulton & Smith, 1994).
- São cautelosas, sensíveis, sossegadas, com baixa auto-estima, apresentando-se deprimidas (Perry et al., 1992 citado por Parreiral, 2003);
- Têm uma visão negativa de si e da sua situação (Egan & Perry, 1998 citado por Parreiral, 2003);
- São solitárias e sentem-se abandonadas (Boulton & Underwood, 1992; Kochenderfer & Ladd, 1997; Olweus, 1997 citado por Parreiral, 2003);
- Procuram evitar ir para a escola (Kochenderfer & Ladd, 1996, 1997 citado por Parreiral, 2003);
- Têm uma atitude negativa em relação à violência e ao uso de meios violentos (Olweus, 1997 citado por Parreiral, 2003).

Olweus (1997), citado por Parreiral, 2003), um pioneiro no estudo deste fenómeno, refere que existem dois tipos de vítima, a passiva ou submissa e a provocadora. As diferenças que se podem encontrar estão relacionadas com uma combinação de padrões de ansiedade e reacções agressivas que se registam apenas nas vítimas provocadoras. Tendo em atenção esta diferença, o mesmo autor refere, também, que a dinâmica dos problemas da violência é diferente numa turma com vítimas passivas, ou vítimas provocadoras.

Características dos Agressores

De acordo com a definição de Boulton e Smith (1994), o provocador ou agressor é aquele que frequentemente implica com os outros, que lhes bate, ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão.

Em paralelo com as vítimas, também no grupo dos agressores encontrou-se dois sub-grupos, os agressores propriamente ditos e os agressores ansiosos. Os agressores propriamente ditos têm as seguintes características (Parreiral, 2003):

- Auto-confiantes;
- Assertivos;
- Activos;
- Fisicamente mais fortes;



BULLYING: COMPORTAMENTO AGRESIVO ENTRE PARES A NÍVEL ESCOLAR

- Gostam de situações em que possam ser agressivos;
- São impopulares entre a população da escola, mas com uma popularidade média entre os pares, embora ligeiramente inferior à dos alunos não agressivos.

Quanto aos agressores ansiosos, estes caracterizam-se por (Parreiral, 2003):

- - Têm menor popularidade entre os colegas;
- - Têm mais problemas em casa;
- - Correspondem ao estereótipo do covarde que está sempre a incomodar;
- - É um sub-grupo constituído sobretudo por rapazes.

CAUSAS

No que diz respeito aos factores que conduzem a um comportamento agressivo, encontrou-se alguns estudos efectuados nesta área. A este respeito Estrela & Amado (2000) referem quatro grandes áreas que passamos a citar:

- - Social: a criança, especialmente a descendente de grupos sociais excluídos é levada a "reproduzir" regras e valores diferentes, e até opostos, aos padrões habitualmente exigidos na escola.
- - Familiar: a disfunção familiar e os modelos inadequados de autoridade parental, geram crianças incompreendidas e revoltadas que libertam tensões sobre colegas indefesos e outros adultos pouco significativos.
- - Escolar-pedagógico: factores institucionais formais e informais, que dizem respeito à relação e à gestão pedagógica, sendo muitas as causas que do interior da escola, podem criar um "mal-estar" generalizado e, como resposta, obter a contra-violência dos alunos;
- - Inerente ao próprio indivíduo: distúrbios de personalidade, instabilidade emotiva, baixa auto-estima, desinteresse pelo trabalho escolar, falta de hábitos, falta de perspectivas e de projecto de vida, e tudo isso, frequentemente, enredado com uma história de vida atribulada e um percurso escolar caracterizado por insucessos e frustrações.

Segundo Olweus (1991), os pais dos agressores, criticam mais, do que elogiam/ encorajam, e negligenciam ensinar aos seus filhos que a agressão não é aceitável. Estes pais tendem a usar disciplina inconsistente e pouca monitorização sobre o local onde se encontram os seus filhos, ao longo do dia. Ainda, segundo o mesmo autor, estes pais, têm estilos de disciplina à base da punição e muito rígidos, com os castigos físicos muito comuns.

DeHaan (1997) acrescenta que os agressores tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo pouco carinho ou afecto, com problemas em partilhar os seus sentimentos existindo, normalmente, uma maior distância emocional entre os membros da família.

Por outro lado, as vítimas, segundo (Olweus, 1994), tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo uma educação de restrição e excesso de protecção por parte dos pais.



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

CONSEQUÊNCIAS

As consequências do bullying reflectem-se não só nas vítimas, como também nas testemunhas e nos agressores.

As vítimas poderão ficar com a auto-estima muito fragilizada e apresentar uma enorme dificuldade em estabelecer novas relações de confiança.

As repercussões mais frequentes nas vítimas são:

- Tendências depressivas;
- Baixa auto estima;
- Falta de concentração e confiança em si próprio;
- Agressividade;
- Dificuldade de estabelecer relações sociais;
- Suicídio (em situações limite).

Segundo Rodrigueus (2007) os alunos sistematicamente sujeitos ao bullying e que são por natureza mais fracos, mais tímidos, vêem a sua auto-estima diminuir, sofrem depressões, vivem em constante stress, querem mudar de escola, têm um baixo aproveitamento escolar, faltam sistematicamente às aulas. Sofrem, pelas mesmas razões, perturbações físicas, nem sempre compreendidas pela família, tais como fobias, vômitos e golpes de febre.

Ainda segundo a mesma autora, quando adulto, o agredido tende à depressão, ao isolamento, à associalização no ambiente de trabalho, atitudes que contribuem para a solidão, a traça dos colegas, não sendo raros os casos, de suicídio na idade adulta.

Quanto aos agressores, também eles transportam para a vida adulta os comportamentos da infância e da adolescência. Continuarão a agredir, humilhar, intimidar os que o rodeiam, tanto na vida familiar (responsáveis pela violência doméstica), como nos locais de trabalho. Eles possuem também uma propensão para a depressão e ataques de culpabilidade, mantendo-se esta tendência, por vezes, até à velhice.

ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Apesar da natureza complexa de um problema como o bullying, existem programas de intervenção que permitem reduzir os comportamentos agressivos.

Um programa de intervenção "anti-bullying" em que são conhecidos resultados concretos é o projecto desenvolvido por Olweus (1992). Este projecto é usado não só na Europa como também nos Estados Unidos da América. Este programa apresenta resultados de 50% de redução nos níveis de bullying, o que é bastante significativo. De uma forma genérica, este programa desenvolve-se da seguinte forma:

- Determinar até que ponto o bullying é comum na escola para poder delimitar a extensão do problema;
- Antes do ano escolar começar deverá ser iniciado um "treino" para a direcção da escola, pessoal docente e não docente, alguns pais e alunos;
- Deverão ser estabelecidas regras contra o bullying na escola de uma forma clara;
- Deverão ser realizadas reuniões de turma sobre o bullying;



BULLYING: COMPORTAMENTO AGRESIVO ENTRE PARES A NÍVEL ESCOLAR

- Os professores deverão ser encorajados a estabelecer consequências positivas para aqueles que ajudam na prevenção do bullying e negativas para aqueles que “aderem” ao bullying;
- Deverá existir uma supervisão adequada por parte de adultos nas áreas ao ar livre, corredores e noutras áreas específicas que são propícias à ocorrência do bullying. No entanto, aos adultos não é simplesmente pedido que estejam presentes, mas que intervenham o mais rápido possível em situações de agressão (note-se que os pais estão incluídos);
- Por fim, intervenções individuais são iniciadas tanto com os agressores como com as vítimas. As conversas com os agressores devem incluir em grande parte os pais e a mensagem de que o bullying não é aceitável deve ser reforçada. No que diz respeito às vítimas, estas são tipicamente relutantes em envolver adultos, então na reunião com as vítimas e os pais, a mensagem-chave que deve ser passada é a de que existem adultos na escola, que estão dispostos a ajudar e que têm capacidade para ajudar a vítima.

The Incredible Years é um programa concebido para crianças em idade pré-escolar e primeiro ciclo. Embora, possa à primeira vista parecer prematuro que crianças nestas idades necessitem deste tipo de programas, a realidade mostra o contrário. Investigadores concordam que quando as crianças estão a aprender a ser agressivas esta é a altura ideal para lhes ensinar a controlarem a sua agressividade. Este programa foi originalmente concebido para crianças entre os dois e os oito anos de idade com altos níveis de comportamento agressivo, incluindo mas não se limitando ao bullying. O programa reconhece que para se conseguir chegar à criança, é necessário chegar também aos pais, por isso este programa treina pais e filhos a desenvolver capacidades de resolução de problemas e a adoptar comportamentos não agressivos, para que as crianças aprendam a aceitar o outro e a fazer amigos. Depois da obtenção de resultados bastante positivos (redução em 2/3 do ciclo de agressão), foi concebida uma versão para as escolas. Esta segunda versão abrange todas as crianças, em oposição à primeira que apenas oferecia aconselhamento para as crianças com comportamentos agressivos, permitindo, assim, uma melhoria do comportamento de todas as crianças. Estudos efectuados concluíram que passado um ano do programa terminar, 80% das crianças mostravam estar dentro dos parâmetros aceitáveis, no que diz respeito a problemas de comportamento.

Existem no entanto estratégias que não devem ser colocadas em prática sob pena de agravar o problema. Poder-se-á referir as seguintes:

- Estratégias de mediação entre pares. O bullying envolve a agressão por parte de crianças poderosas sobre crianças mais frágeis. Logo, este tipo de estratégia poderia vitimar ainda mais a criança vítima de bullying, já que não existia a intervenção de um adulto;
- Políticas de tolerância zero. Este tipo de abordagem pode resultar num alto nível de suspensões sem que sejam compreendidas integralmente as razões de necessidade de alteração de comportamento e que essa alteração é possível. Assim, o agressor não resolve o seu problema e passa a dispor de mais tempo sem ser supervisionado;
- Simplesmente aconselhar a vítima a “fazer frente aos agressores”. Isto pode ser improdutivo e perigoso sem que exista um suporte adequado por parte de um adulto.

É necessário começar a perceber que à escola não cabe apenas o papel de desenvolver cognitivamente os alunos, mas também, o de promover o desenvolvimento de competências necessárias à vida em sociedade.

A este respeito Vettenburg (2000) defende que “se a educação concedesse, ao início, uma maior importância ao desenvolvimento das qualidades e atitudes sociais dos alunos, produzir-se-ia com certeza um efeito positivo da atmosfera da escola e a violência nos estabelecimentos de ensino e na sociedade em geral não seria decerto tão generalizada.”



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Estrelas & Amado (2000) apresentam algumas orientações relevantes para a construção de medidas preventivas ao nível da sala de aula e da escola em geral. Passo a enunciar de um modo breve, cada uma das orientações:

- Construir um ambiente relacional assente em normas e regras. Trata-se aqui de fomentar nos alunos as suas competências relacionais através de estratégias que incentivem os alunos a discutir problemas, a avaliar o cumprimento de regras, a redefini-las e renegociá-las quando for necessário, a gerir conflitos e agressividades passando a ter uma maior autonomia e responsabilidade na resolução de questões que lhes dizem respeito (Torres e Sánchez, 1997; Peres, 1996; Thiébaud, 1999 citado por Estrela & Amado, 2000);
- Construir um ambiente de abertura ao aluno. Este ambiente passa pela “escuta” dos problemas dos alunos (Gordon & Burch, 1998 citado por Estrela & Amado, 2000), pela capacidade do professor em se colocar na posição dos alunos, de conseguir transmitir valores como o de dignidade, justiça e consideração pelo outro (Pollard, 1985; Torres e Sánchez, 1997 citado por Estrela & Amado, 2000) e de desenvolver práticas que lhes permita ter uma correcta auto-estima (Salvador, 1991 citado por Estrela & Amado, 2000) e uma capacidade para gerir frustrações (Arándinga & Tortosa, 1996 citado por Estrela & Amado, 2000);
- Actuar com competência técnico-pedagógica. Esta orientação refere-se às competências necessárias para ensinar que um professor deve possuir, que se encontram associadas à qualidade da formação inicial e contínua;
- Implementar uma gestão democrática e participada. A direcção da escola deverá estar acessível a toda a comunidade escolar, valorizando a opinião e iniciativa da mesma construindo assim um sentimento de pertença à comunidade (Dbarbieux, Dupuch & Montoya, 1997; Torres & Sánchez, 1997; Ruiz, 1998, citado por Estrela & Amado, 2000). Esta política de partilhada de poderes e responsabilidades origina a necessidade de um ambiente saudável, de tolerância e solidariedade;
- Promover formação permanente baseada na análise e resolução de problemas. Trata-se de promover o estudo de questões que afectam directa e indirectamente o funcionamento da escola através de estudos conjuntos do pessoal do estabelecimento escolar.
- Promover iniciativas de intervenção na comunidade. Trata-se de promover regularmente iniciativas que envolvam os encarregados de educação, as famílias, outras escolas, associações e o poder local.

CONCLUSÃO/ DISCUSSÃO

Apesar de toda a complexidade do fenómeno sabemos que é possível diminuir e prevenir este tipo de violência. Várias são as propostas apresentadas, no entanto todas elas exigem o empenhamento e participação de toda a comunidade educativa a vários níveis, a adopção de várias políticas que permitam a inclusão e integração dos vários indivíduos, o assimilar de valores sociais e éticos.

É preciso avaliarmos a intensidade e o significado dessas atitudes. A observação constante e a parceria entre escola e família são cruciais para a possível eliminação de tais comportamentos.

BIBLIOGRAFIA



BULLYING: COMPORTAMIENTO AGRESIVO ENTRE PARES A NÍVEL ESCOLAR

- Almeida, A. (2006). Para além das tendências normativas: O que aprendemos com o estudo dos maus tratos entre pares, *Psychologica*, 43, 79-104.
- Boulton, M. J., & Smith, P. K. (1994). Bully victim problems in middle-school children: stability, selfperceived competence, peer perceptions and peer acceptance. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J.K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, 66, 710-722.
- DeHaan, L. (1997). Bullies. Retirado em 24 de Maio de 2000 da World Wide Web: ndsuxext.nodak.edu
- DREYER, Diogo. A brincadeira que não tem graça. Portal Educacional. 2005. Retirado em 14 de Abril de 2007 da World Wide Web: <http://www.educacional.com.br>.
- Estrela, M. T. & Amado, J. S., (2000), Indisciplina, Violência e Delinquência na Escola. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, nº1-3.
- Olweus, D. (1991). Bully/Victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a School-Based Intervention Program. Retirado em 9 de Setembro de 1999 da World Wide Web: ector.colorado.edu.
- Olweus, D. (1992) Bullying among schoolchildren: intervention and prevention. In *Aggression and Violence Throughout the Life Span*. Sage Publications, Newbury Park, pp. 100–125.
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*.
- Olweus, Dan, (2000), *Bullying at School*. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.

Fecha de recepción: 29 Febrero 2008

Fecha de admisión: 12 Marzo 2008